

DESAFIOS E CONTROVÉRSIAS SOBRE A CONSCIÊNCIA

Hugo Mari¹
José Carlos Cavalleiro²

‘Consciousness is a subject on which much has been written but little is known.’
(Sutherland, 1989, Apud: Ramachandran and Hirstein)³

We all know what consciousness is: it is what you lose when you fall into a deep dreamless sleep and what you regain when you wake up. But this glib statement does not leave us in a comfortable position to examine consciousness scientifically. (Edelman, 2004, p. 4)⁴

Abordar a consciência não é uma questão simples, porque estaríamos diante de nós mesmos, olhando nossa imagem refletida num suposto espelho, tentando desvendar segredos de nossa existência, sem que esse espelho seja capaz de revelar uma parte essencial do que somos e que permanece nas sombras. Os dois destaques acima mostram o quão desconcertante é a questão da consciência: para Sutherland nos deparamos com o seu teor de inesgotável, apesar de tudo que sobre ela já se refletiu e que certamente precisamos continuar refletindo. Para Edelman, ela é como uma espécie de aplicativo, numa linguagem atual, que desligamos quando nos recolhemos em sono profundo e que acionamos para dela nos valerem em todos os momentos de nossa jornada diária.

Coligindo agora os dois autores e adiantando em parte o que o leitor poderá desfrutar nos artigos que compõem essa edição, vemos o desafio de superar o ‘little is known’ ao mesmo tempo que enfrentar a ‘(un)comfortable position’. Os dois movimentos nos levam à busca desse espelho que nessa reflexão contínua e inconstante possa ser traduzida numa Teoria Científica da Consciência (PEREIRA Jr., nesse volume). Precisamos desse espelho para nos enxergarmos a

¹ Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais; realizou, em 2001, estágio de pós-doutorado na Université Paris XIII. Atualmente, é professor do Programa de Pós-graduação da PUC Minas e Coordenador do Grupo de Pesquisa – *Complex Cognition*. Sua atividade de pesquisa e docência está voltada para as áreas de semântica, pragmática, cognição e análise do discurso. Hugomari28@gmail.com

² Professor do Departamento de Saúde Mental, Faculdade de Medicina - UFMG e membro do grupo de pesquisas Complex Cognition do Cnpq. Áreas de interesse: Ciência Cognitiva, Biosemiótica e Filosofia da Mente. Josil148@gmail.com

³ "A consciência é um assunto sobre o qual muito foi escrito, mas pouco se sabe." – *Todas as traduções de excertos nesse artigo foram feitas usando o Google Tradutor e com ajustes dos autores.*

⁴ Todos nós sabemos o que é consciência: é o que você perde quando cai em um sono profundo sem sonhar e o que você recupera quando acorda. Mas essa declaração simplista não nos deixa em uma posição confortável para examinar a consciência cientificamente

nós mesmos; queremos olhar para um espelho que projete alguma luz sobre as sombras que pairam sobre nossa existência e a consciência ainda é esse território um tanto sombrio a requerer luz.

Feito esse pequeno preâmbulo passemos a um breve comentário, trazendo à superfície aspectos históricos e teóricos que marcam a problematização da consciência em termos de uma compreensão que tem desafiado muitos pesquisadores, antecipando, todavia, que os estudos da consciência nunca foram traçados numa linha reta. Embora todos os teóricos pudessem vislumbrar um horizonte único para a consciência, os percursos foram marcados por desencontros, alternativas, idiosincrasias, incertezas que sempre estiveram em pauta quando o objetivo era erigir algo sobre a sua natureza.

Assim, o problema da consciência tem sido de interesse contínuo desde o tempo de John Locke no final do séc. XVII, e talvez desde os tempos da Grécia antiga. Como Alan Costall argumenta (2004, 2006) a adoção de estratégias de estudos sobre o tema foram em certa medida discriminatórias, como foi o caso de John Watson que queria colocar a psicologia comportamental na agenda acadêmica em detrimento do método introspeccionista, que ele associava a Wilhem Wundt que, por seu turno, expressava sua própria desconfiança com a introspecção (BLUMENTAL 2001, p. 125).

Com o advento da segunda revolução cognitiva, há três décadas aproximadamente, disciplinas como a fenomenologia, por exemplo, enfraqueceram o viés metafísico da época anterior, promovendo uma virada mais técnica e abstrata do que viria a ser a preocupação central da ciência cognitiva atual: a experiência.

Um corolário importante do novo momento, trouxe o tema da consciência novamente a um primeiro plano. No entanto, um problema básico, e que vem persistindo, é relativo à produção sistemática do conhecimento, onde as ciências naturais e sociais, e as humanidades, não concordam com uma definição compartilhada de realidade.

Na apresentação dessa edição, dedicada ao tema da consciência, trazemos para a discussão alguns pontos que ressaltam a sua importância em consonância com aquilo que os autores dos artigos evidenciam em sua reflexão. Uma grande região ainda marcada por muitas incertezas relaciona-se a uma suposta dicotomia entre processos conscientes e não-conscientes (ver nessa edição ROMERO). Falamos de suposta por nem sempre sabemos decidir sobre a natureza de muitos dos processos de que nos valem. Por exemplo, *sensação, percepção, enação, causação, qualia, intersubjetividade, crenças, atenção, memória, intencionalidade,*

experienciação, desejo, ansiedade, automatismos são todos processos conscientes? Se o são, o que resta para ser não-consciente?

É possível que tenhamos convicção de que alguns desses processos sejam conscientes – *intencionalidade, intersubjetividade, percepção etc.* -; é possível que tantos outros possam ser vistos como não-conscientes – *sensação, automatismos, ansiedade etc.* Além dos mais, é provável que muitos transitem de um território para o outro: *desejo*, e *atenção* são sempre conscientes, ou não-conscientes? A questão que deixamos aqui em aberto pode ser traduzida nos seguintes termos: se a consciência é um componente essencial para a organização e o agenciamento da vida não cabe uma discussão sobre a natureza dos nossos processos onde ela de fato intervém? Apenas como ilustração da discussão presente, inserimos aqui uma citação de Edelman (2004, p. 93):

Durante a aprendizagem consciente de tarefas, uma parte considerável do córtex cerebral está envolvida. Com a prática, a atenção consciente não é necessária e os atos tornam-se automáticos, como, por exemplo, depois de aprender a andar de bicicleta. Nesse ponto, as varreduras cerebrais mostram muito menos envolvimento do córtex, a menos que novidades sejam introduzidas, exigindo mais atenção consciente.⁵

Se, como aponta Edelman, *‘parte considerável do córtex cerebral está envolvida’* em nossas atividades conscientes é sinal de que uma porção destacável do que somos, ou quando agimos, se caracteriza por determinação da consciência. Mesmo com esse reconhecimento, o tema continua sendo um desafio teórico, como ilustram as diversas abordagens presentes nessa edição e o desafio proposto por Pereira Jr. de uma Teoria Científica da Consciência.

As discussões mais acirradas sobre a consciência foram dominadas pela filosofia ou por filosofias distintas (ver nessa edição CUNHA) em dimensões diferentes, mas sempre numa conexão mais estreita com a linguagem, com o tempo e com o nosso modo de ser no mundo.

A partir da década de 80 do século passado, novas abordagens têm orientado a sua discussão com proposições diferenciadas, como é o caso, por exemplo, da teoria biológica da consciência. Edelman e colaboradores lançaram essa proposta e chegaram desenvolver algumas questões sobre o tema que foi retomado por outros autores, sobretudo a partir da discussão mais decisiva sobre os processos neurofisiológicos. No fundo, o próprio Edelman já tinha em conta

⁵ During conscious learning of tasks, a considerable amount of the cerebral cortex is engaged. With practice, conscious attention is not required, and acts become automatic, as, for example, after learning to ride a bicycle. At such a point, brain scans show much less involvement of the cortex unless novelty is introduced, requiring further conscious attention.

essa correlação, já que a teoria biológica da consciência emerge no contexto de sua teoria do cérebro de grupos neuronais.

As referências de época, antes mesmo da incursão de Edelman, que vamos destacar aqui, citam Plum e Posner (1980), que operam mais com estados de consciência a partir de traumas, relativos ao coma e ao estupor; é uma abordagem de teor clínico que tem nesses dois parâmetros sua discussão mais intensa. Baars (1988) já delineava uma abordagem da consciência com vistas a uma avaliação dos processos cognitivos de um organismo. Ambos são anteriores à discussão inicial desenvolvida por Edelman (1989). Não vamos tratar desses precursores de Edelman, já que alguns fatos sobre a abordagem de Baars já foram mencionadas por artigos presentes nessa edição. Interessa-nos de forma mais direta a discussão formulada por Edelman, até mesmo pelo fato de que sua proposta costuma ser destacada pelo atrelamento que faz à sua Teoria da Seleção dos Grupos Neuronais (ver PEREIRA, nessa edição). Sua proposta de uma teoria biológica está disseminada em grande parte de sua obra, mas parece culminar com a formulação que desenvolveu em conjunto com Tononi (EDELMAN; TONONI, 2000).

No breve prefácio que os autores fazem da obra acima citada, quatro questões erigem de grande parte da sua discussão sobre a consciência. Nesse momento, estamos interessados na discussão das duas primeiras questões por manterem elas certa interface com muitos aspectos sobre a consciência que estão sendo discutidos nessa edição. Destacamos, então, as duas primeiras questões (EDELMAN; TONONI: 2000, p. xi e xii):

1. Como a consciência surge como resultado de determinados processos neurais e das interações entre o cérebro, o corpo e o mundo?
2. Como esses processos neurais são responsáveis pelas principais propriedades de experiência consciente? Cada estado consciente é unificado e indivisível, mas, ao mesmo tempo, cada pessoa pode escolher entre um número imenso de diferentes estados conscientes.⁶

A questão central que os autores colocam com essas indagações é a centralização da consciência como resultante de processos neurais. Não deixa de ser uma hipótese inovadora por centrar a consciência a partir de processos neurofisiológicos específicos, mas essa hipótese ainda deixa muitas questões em aberto, parte delas provavelmente já desenvolvidas por diversos

⁶ (1) How does consciousness arise as a result of particular neural processes and of the interactions among the brain, the body, and the world? (2) How do these neural processes account for key properties of conscious experience? Each conscious state is unified and indivisible, yet at the same time, each person can choose among an immense number of different conscious states.

outros pesquisadores. Por exemplo, haveria um processo neuronal global que responderia por uma concepção globalizante da consciência afeita ao organismo humano, ou teríamos processos específicos sobre ações que integram o conjunto de nossas atividades diárias? Quais seriam os processos neurais que implicam ações conscientes com as mãos e ações com os pés? É claro que ações dessa natureza envolvem ramificações pelo córtex motor pré-frontal e com certeza muitas áreas do cérebro envolvidas com a atividade motora e visual. Haveria nessa forma de conceber a consciência uma dimensão reducionista?

Os próprios autores reconhecem que essa emergência da consciência não decorre apenas desses processos, mas também das *'interações entre o cérebro, o corpo e o mundo'*, o que, a princípio, a caracteriza como um processo abrangente em relação ao comportamento de um organismo no ambiente. Embora reconhecendo essa extensão, fato mencionado que pode ser visto em alguns artigos dessa edição, o destaque assinalado nessas perguntas resulta desse grande desafio que é justificar o modo pelo qual a atividade cerebral intervém nas relações do organismo com o ambiente e que configura nossos processos de consciência. É possível, pois, uma aproximação dessa discussão dos autores com aquilo que Ramachandran e Hirstein (1997, p. 429)⁷ advogam em termos de uma concepção mais natural sobre a consciência:

Nosso objetivo principal neste artigo é forjar uma nova abordagem para o problema [consciência], tratando-o não como uma questão filosófica, lógica ou conceitual, mas sim como um problema empírico. Nosso foco é mostrar a forma que uma teoria científica da consciência pode assumir, algo que é independente da verdade de todas as afirmações e sugestões mais detalhadas que faremos.

Os autores pretendem, no texto citado, desenvolver uma abordagem mais empírica do que as abordagens que até agora se concentraram numa dimensão teórica filosófica e conceitual. Para eles muito já se escreveu sobre essas dimensões e elas nem sempre conduziram a uma compreensão maior dos problemas. Aquilo que se concebe como a necessidade de naturalizar uma categoria como consciência, isto é, de fazer dela uma propriedade do mundo empírico deve-se ao fato de que ela permeia as relações de um organismo com o mundo; ela se faz presente onde quer que o organismo esteja agindo. Se a consciência é esse traço essencial para a quase totalidade daquilo que empreendemos, poderíamos imaginar que o nosso transitar por superfícies diferentes, por exemplo, viesse a ativar redes neurais distintas. Mover-se sobre

⁷ Our primary goal in this paper is to forge a fresh approach to the problem, by treating it not as a philosophical, logical, or conceptual issue, but rather as an empirical problem. Our focus is on showing the *form* a scientific theory of consciousness might take, something which is independent of the truth of all of the more detailed claims and suggestions we will make.

superfícies acidentadas, lisas, ou molhadas deve exigir de uma pessoa processos neuronais apropriados à vigilância da atividade motora, em termos de força física, controle da aceleração, tensão muscular etc.

A abordagem sobre a consciência, desenvolvida por Ramachandran e Hirstein e em sua extensão para aquilo que propõem como uma avaliação dos *qualia*, implica, em síntese, que um organismo em estado de consciência possa: (a) fazer escolhas, isto é, selecionar estratégias que sejam mais convenientes para as suas ações no ambiente; (b) dispor de memória de curto termo, ou seja, operar com condições que façam parte de uma constante, assegurada pelas representações de memória na consecução de suas ações.

Além do mais, voltando à dimensão dos processos neurais e valendo-se exemplos clínicos, os autores (RAMACHANDRAN; HIRSTEIN, 1997, p. 450) chegam à conclusão de que a área cerebral circunscrita à consciência, como se pensou tradicionalmente, não é o lobo frontal e mostram que há evidências de que os lobos temporais seriam mais significativos nesse caso.

Outra evidência para a ideia de que os lobos temporais são o locus neural da consciência e dos qualia é que as lesões cerebrais que produzem os distúrbios mais profundos da consciência são aquelas que geram convulsões no lobo temporal.⁸

Abrimos esse parêntese para trazer um pouco da abordagem de Ramachandran e Hierstein, porque ambos dão, em alguma extensão, continuidade à reflexão de Edelman e Tononi de que a consciência emerge de processos neurais, embora com diferenças a serem apuradas. A abordagem de Edelman, mesmo sem Tononi, é uma forma de compreender uma tentativa de superação de muita perplexidade produzida em torno da consciência, conforme podemos ver nessa amostragem que se segue:

A consciência é o que faz o problema corpo/mente realmente intratável. (...) Sem a consciência o problema corpo/mente seria bem menos interessante. Com a consciência ele parece sem solução. (NAGEL, 2002)⁹

A consciência se encaixa de maneira incômoda em nossa concepção do mundo natural. Na concepção mais comum da natureza, o mundo natural é o mundo físico. Mas, na concepção mais comum da consciência, não é fácil ver como ela poderia fazer parte do mundo físico. Assim, parece que para encontrar um lugar para a consciência

⁸ Another piece of evidence for the idea that the temporal lobes are the neural locus of consciousness and qualia is that the brain lesions which produce the most profound disturbances in consciousness are those which generate temporal lobe seizures.

⁹ Consciousness is what makes the mind-body problem really intractable. (...) Without consciousness the mind-body problem would be much less interesting.

dentro da ordem natural, devemos revisar nossa concepção de consciência ou revisar nossa concepção de natureza. (CHALMERS, 2002) ¹⁰

Entretanto, uma coisa que sabemos antes mesmo de começarmos a investigação [sobre a consciência] é que qualquer sistema capaz de causar consciência tem que ser capaz de reproduzir as capacidades causais do cérebro. (SEARLE, 1997)

Nagel, Chalmers e Searle, mesmo que a partir de visões distintas para encarar a questão, apontam dificuldades relativas ao modo pelo qual devemos conceber a consciência em nossa existência. A consciência integra nossas atividades corpóreas, nossas atividades mentais, nossas atividades cerebrais? Ela se faz presente em nossas interações com a natureza, com o mundo físico? Nenhuma dessas indagações que decorre do questionamento desses autores pode receber uma resposta negativa, pois sabemos que a consciência se faz presente em todas essas instâncias.

Esse caráter quase totalmente ubíquo da consciência, excetuando os lapsus não-conscientes, evidencia que ela deva ser algo absolutamente natural e necessariamente empírico, por integrar facetas diversas da nossa forma de ser no mundo, ou de estar no mundo com os objetos. Essa é uma razão que tem levado alguns autores a reivindicar certo teor empírico da consciência, conforme se pode perceber na formulação de alguns dos textos que compõem essa edição.

Esse desejo, todavia, de fazer da consciência um objeto do mundo natural ao qual estamos atrelados incondicionalmente, ainda soa como uma utopia, porque, por maiores que sejam os esforços nessa direção, a consciência parece ser algo que ainda escapa aos nossos instrumentos teóricos. Essa pode ser uma razão pela qual em nenhum dos artigos dessa edição vamos encontrar um delineamento consensual sobre algo a que nos submetemos, que dele nos valem, mas que sobre ele parece existir uma lacuna a ser ainda preenchida em nossas reflexões. Essas incertezas são ressaltadas num comentário de Edelman (1992, p. 137)

Você pode pensar que explicou como memória, categorização perceptual, reentrância etc. funcionam para fornecer as *propriedades* da consciência, mas você ainda não explicou como eu sinto estando consciente, ou por que eu me sinto estar consciente. A consciência é estranha, misteriosa, o derradeiro mistério.¹¹

¹⁰ Consciousness fits uneasily into our conception of the natural world. On the most common conception of nature, the natural world is the physical world. But on the most common conception of consciousness, it is not easy to see how into could be part of the physical world. So, it seems that to find a place for consciousness within the natural order, we must either revise our conception of consciousness, or revise our conception of nature.

¹¹ You may think you have explained how memory, perceptual categorization, reentry, and so on, work to give the properties of consciousness, but you have not explained how I feel being conscious, or why I feel myself to be conscious. Consciousness is strange, mysterious, the ultimate mystery.

Como esse autor e colaboradores enfrentam esse mistério? Eles o fazem propondo o que seria uma teoria biológica da consciência, onde os processos neurais seriam um padrão de formatação da nossa atividade consciente, sendo, portanto, o fundamento da nossa consciência, ainda que essa não seja a única forma de concebê-la, conforme destaca Edelman (2004, p. 118)

Uma teoria biológica da consciência deve ser testável através de uma variedade de níveis alterando do molecular ao comportamental. Os testes mais eficazes devem focalizar, primeiro e sobretudo, sobre a demonstração de correlatos neuronais da consciência.¹²

Outras abordagens têm pautado, nos últimos tempos, a discussão sobre uma teoria da consciência, estabelecendo elos conexos entre estados mentais e estados físicos. Assim, a suposição de que temos uma experiência mental consciente parece ser um fato incontestável. Na medicina psicossomática, por exemplo, os efeitos da mente sobre o corpo têm recebido suporte com evidências oriundas de estudos com imagens, hipnose, biofeedback e outras intervenções mentais rotineiras.

No entanto, a influência exercida pela mente consciente sobre o corpo não é facilmente compreendida (VELMANS, 2002, p. 1). Velmans argumenta que o estabelecimento de eventuais formas de causação é importante “não apenas para um entendimento aprofundado das interações mente/corpo, mas também para tratamentos apropriados de certas doenças” (p.2). Em princípio, Velmans estabelece quatro formas distintas de relações nas quais corpo/cérebro e mente/consciência poderiam entrar em relações causais: 1) causas físicas de estados físicos; 2) causas físicas de estados mentais; 3) causas mentais de estados mentais e 4) causas mentais de estados físicos (p. 1). Um conjunto extenso de evidências dessas interrelações é discutido em Velmans, (1996-a).

Novos progressos conceituais em desenvolvimento, como a neurofenomenologia para citar um exemplo, têm diretamente tratado da questão que ficou conhecida como o “*hard problem*” da consciência, isto é, o porquê e o como da experiência qualitativa ou qualia. Tem sido afirmado que o “*hard problem*” da consciência não será resolvido mesmo quando todas as funções mais simples da experiência subjetiva forem resolvidas (CHALMERS, 1995). A questão, no entanto, continua em aberto. Muitos argumentam que estudando um problema

¹² A biological theory of consciousness must be testable across a variety of levels ranging from the molecular to the behavioral. The most efficacious tests would focus first and foremost on the demonstration of neural correlates of consciousness.

relativamente “simples”, como a percepção visual consciente, pode contribuir para dissecar o “hard problem” da consciência (SEARLE, 1998, 2000).

Ao longo dessa rápida reflexão, procuramos mostrar alguns dos caminhos que têm marcado a discussão da consciência. O que apresentamos é apenas um recorte de tendências mais recentes que apontam orientações distintas para a sua compreensão. Não tivemos aqui a pretensão de nos determos em nenhuma abordagem de forma particular, mas de criar um quadro que pudesse antecipar algumas das opções que foram adotadas pelos autores nessa edição. Fica aqui um convite para uma experienciação vertical a partir desse amplo leque que de intervenções, reunidos nessa edição.

Sobre os artigos dessa Edição

A complexidade do tema consciência tem conduzido os estudiosos do campo das humanidades e, em especial da Filosofia, ainda hoje, a uma ampla e árdua discussão sob dimensões as mais variadas que incluem desde a sua recuperação histórica de momentos importantes de sua elaboração, de abordagens que ensaiam a sua problemática numa escala mais ampla da experienciação humana, concebida a partir de campos filosóficos diferentes, do cotejo de categorias teóricas (cérebro/mente; objetividade/subjetividade), de organismos não-humanos (ver JATOBÁ nessa Edição) e até de sistemas formais (cf. Azpiazu, nessa Edição). Uma amostra dessa complexidade e da extensão que o tema alcança, podemos avaliar a partir dos artigos que compõem esse número especial da *SímBio-Logias*, conforme a apresentação da temática que fazemos de cada um dos artigos.

1. Iniciamos pela reflexão ampla e profunda de ALFREDO PEREIRA JÚNIOR - *Introdução à Teoria da Consciência* – que nos mostra o longo trajeto de importância que o tema assume na história da humanidade. Além dessa trajetória, o texto destaca outros temas importantes que mantêm uma conexão estreita com a consciência. Nessa perspectiva de algumas interfaces, o autor aborda a relação da consciência com as emoções como uma tematização que interessa de forma direta a disciplinas como a psicologia e a cognição, por exemplo. Nessa interface, embora o autor ressalte a importância dos mecanismos bioquímicos para o estudo das emoções, ele reconhece ainda tratar-se de uma questão complexa que implica não apenas uma base neuronal, mas também à sua dimensão fenomenológica. Essa complexidade aumenta quando precisamos operar com a distinção entre os processos conscientes e os inconscientes, um problema que o

autor busca a sua fundamentação através de processos neuronais. Além do mais, o autor propõe a hipótese do Monismo de Triplo Aspecto, como condição para uma experiência consciente que supõe a presença de matéria, forma/informação e sentimento que resume de forma mais técnica: *‘a capacidade de sentir requer um substrato material e informacional adequado, que inclui não só os neurônios, mas também as células gliais, em particular os astrócitos.* Ao abordar, na seção *Múltiplas modalidades de Consciência*, o autor desenvolve uma extensa discussão sobre a consciência perceptiva, caracterizando aspectos do funcionamento de muitos padrões corticais sensorio-perceptivos, como o faz, de modo mais detalhado, sobre a consciência visual. Pereira Jr. traz para a sua abordagem um extenso leque de reflexões sobre a natureza diversa da forma como a consciência tem sido abordada, em sua grande parte tendo a caracterização neurofisiológica como o seu fundamento. Destacamos a caracterização que faz sobre a *consciência de ser consciente* que tem aberto a discussão para a construção do ‘self’ e, por extensão sobre a possibilidade de um fazer ciência em primeira pessoa. O primordial em sua densa reflexão é a proposta de uma Teoria Científica da Consciência, destacando critérios para uma discussão do tema – monismo de triplo aspecto -, as múltiplas formas de sua ramificação pelos processos neurofisiológicos e a necessidade de fazer dela uma base das nossas experiências fenomenológicas. Toda sua abordagem é construída refletindo posicionamentos distintos de autores importantes – basta verificar a diversificação de autorias que são incorporadas e referenciadas no texto - que se fizeram presentes na discussão do tema, por um longo período até o momento atual. Toda essa explanação foi acompanhada, em diversos momentos, por abordagens já desenvolvidas também pelo próprio autor. Na parte final do artigo, Pereira Jr. enfatiza ainda mais a importância da necessidade de que as questões da consciência estejam cada vez mais atreladas a dimensões das neurociências, uma aposta que o autor destaca e que reverbera de forma decisiva para uma abordagem essencial do tema. Para fundamentar essa nova orientação atrelada a uma Teoria Científica da Consciência, destacamos aqui um parágrafo da parte final do texto: *O progresso recente das neurociências tem mostrado que os processos que dão suporte à experiência consciente ocorrem simultaneamente em múltiplas escalas espaciais e temporais, envolvendo diferentes tipos de sinais físico-químicos.*

2. No artigo *Aspectos introdutórios da Teoria da Consciência e da má-fé nas obras de Jean-Paul Sartre*, o autor, ALEXANDRE VICTOR ROMERO, apresenta uma reflexão extensa sobre o tema da consciência a partir de diversas obras de Sartre, citadas ao longo do texto. Suas colocações são

respaldadas por diversas inserções das obras do autor e tem como base uma discussão bastante apropriada em relação aos posicionamentos de Sartre sobre o inconsciente em sua formulação no campo da Psicanálise. Romero deixa claro que não existe nenhuma animosidade de Sartre em relação à Psicanálise, mas desenvolve uma crítica ácida sobre o conceito de inconsciente. O artigo, em nosso entendimento, ganha importância no contexto dessa discussão por trazer à baila uma discussão fundamentada sobre a questão do inconsciente com associações com o conceito de má-fé, discutida por Sartre numa de suas obras; essa importância não apenas está refletida na obra de Sartre, mas também na forma como Romero conduz a sua discussão que para ilustrar; trazemos aqui um aspecto de sua formulação: *‘Já vimos em Sartre que essa consciência é consciência a todo momento, possuindo graus de consciência, mas sempre estando consciente. A partir deste ponto Sartre instaura sua ideia do inconsciente como uma má-fé e como recusa absoluta da condição de liberdade e margem para legitimação da má-fé como um processo de determinação engendrado pelo inconsciente.’*

3. No artigo *Críticas à Irrealidade do Tempo de John McTaggart*, o autor - AUGUSTO SIMÕES CUNHA – discute a relação entre tempo e consciência, a partir das reflexões de McTaggart, pessoa-mito, sobre a natureza do tempo. O texto traz uma breve discussão sobre a noção de tempo na tradição grega, questão retomada na conclusão de modo mais específico, para chegar à sua discussão fundamental de preceitos sobre o tempo propostos por McTaggart, conforme o leitor pode avaliar nos oito argumentos que constam da seção ‘2. Irrealidade do Tempo’, do artigo. Aproximar tempo de consciência torna a reflexão integrante no texto mais densa e ainda mais intrigante, pelos diversos caminhos de que o autor se vale para tratar da irrealidade do tempo, como também para mostrar as objeções de McTaggart contra essa irrealidade. Nas seções seguintes do texto, o autor busca uma correlação com a consciência de forma mais direta e para isso recorre a outras dimensões do tempo que implicam questões como o nascimento, a existência, a morte e a eternidade, todas argumentadas em função da trilogia temporal passado-presente-futuro. Nas seções finais do texto, o autor recorre a uma discussão do tempo a partir da Filosofia *SĀMĀKHYA* com vistas à compreensão de como os preceitos de tal filosofia poderiam superar lacunas nas formulações de McTaggart sobre o tempo. A leitura do artigo, certamente, dará aos leitores uma compreensão detalhada do percurso histórico e filosófico sobre a reflexão primordial que o autor nos traz sobre o tempo. Para concluir, destacamos um parágrafo que mostra a profundidade de sua discussão: *O Sāmkhya preenche a lacuna explicativa de*

McTaggart, ao postular duas espécies de tempo: o Tempo Eterno e Absoluto, que é uma das qualidades da Prakṛti ou Natureza Imanifesta (ou seja, a natureza em estado neutro, sem movimento e sem mudança) e outro tempo limitado, que surge de objetos limitadores (tattvas) que compõem a multiplicidade da Prakṛti ou Natureza Manifesta. O éter atua como um portal temporal: ele é criado pelo Tempo Absoluto ou Real e é o criador do tempo relativo ou irreal.

4. O artigo de CARINA CARLUCCI PALAZZO e ROSA WANDA DIEZ-GARCIA - *Consciência de experiências alimentares: aplicação da teoria do monismo de triplo aspecto em um programa de educação alimentar e nutricional* - representa uma pesquisa em andamento sobre educação alimentar através do desenvolvimento de um questionário para avaliar a consciência sobre experiências alimentares. A aplicação do Monismo de Triplo Aspecto (PEREIRA Jr., 2013), conjugando categorias como as sensações, percepções, afetos/emoções, dará subsídios teóricos para o desenvolvimento de instrumentos quantitativos de avaliação de hábitos alimentares e nutricionais disfuncionais. Assim, é no desenvolvimento desse instrumento que as autoras colocam o seu desafio de descrever uma consciência alimentar, conforme apontam em trecho que destacamos do artigo: *Vale ressaltar que este instrumento de avaliação da consciência da experiência alimentar, aplicado tal qual descrito acima: a partir de lanche padronizado oferecido às participantes, não avalia a consciência de aspectos ambientais e de estímulos externos ao consumo, mas apenas a consciência da experiência alimentar no momento em que o alimento já está sendo consumido.*

5. O artigo *A Consciência na Terceira Idade*, de CELSON DINIZ PEREIRA, aborda problemas relativos à questão da consciência, considerando aspectos diversos do desgaste natural de um organismo em termos de suas funções diversas. Sua fundamentação recorre, de forma primordial, às origens e ao desenvolvimento do Sistema Nervoso Central (SNC), buscando mostrar a atividade cerebral como um *locus* essencial para a consciência. Sua argumentação busca evidenciar o teor positivo do estar consciente para usufruir os benefícios da existência, como também para enfrentar os desafios e superar as dificuldades que a nossa existência implica. Na seção 2.2A, o autor traça um esquema complexo, através de um conjunto de parâmetros e fórmulas, que representam o indivíduo (I) em seu estágio inicial até o indivíduo (I*: 3º Indivíduo na 3ª) na terceira idade, o objetivo em destaque em sua abordagem. Essa transformação é decorrente de fatores bio-físico-químico-históricos com base em operações corticais, em funções cerebrais que atuam sobre o sistema nervoso do indivíduo, adaptando-o a

diversas etapas da sua existência e modelando (SNC do I*). O texto tem como cenário teórico a Teoria da Seleção dos Grupos Neurais, de Edelman, a partir da qual Pereira formula o escopo de sua abordagem, bem como implementa a sua discussão sobre a teoria biológica da consciência que serve de fundamento para outros fatos experiências relativos à natureza do ser humano, a partir das suas enações no mundo da vida. Para que o leitor tenha uma ideia do teor experiencial da reflexão do autor, destacamos aqui um parágrafo bastante significativo de sua formulação: *‘Viver em seu interior é um direito existencial do indivíduo. Na rota que ter que destinar quase toda sua energia do corpo ao SNC, para preservar sua sobrevivência, I*, sentindo-se obrigado a buscar sua produtividade, percebe ser justo, então, abstrair, em suas memórias, do convívio com assustadores registros históricos e de varrer, de sua mente, o incômodo das notícias do contemporâneo.’*

6. No texto *A teoria projetiva da consciência e o pensar em Bion: algumas relações* bem como no texto *Fluxo de consciência e o conhecer: um diálogo entre a teoria projetiva e o vínculo K em Bion*, de EDSON DETREGIACHI, apresenta uma aproximação reflexiva entre a neurociência e a psicanálise. Por exemplo, é conjecturado pelo autor, nos dois artigos da presente edição, sua fundamentação no trabalho clínico-epistemológico de Wilfrid Bion sobre o conhecimento (K do inglês = knowledge) e a Teoria Projetiva da Consciência. Portanto, em conjunto, os dois artigos apontam para um possível e desejável hibridismo entre essas duas teorias, possibilitando espaços de diálogo para futuros projetos de pesquisa no campo da consciência. Um aspecto dessa aproximação pode ser visto na citação seguinte, extraída do primeiro texto: *Ambas as teorias, a projetiva da consciência e a do pensar, admitem importância fundamental dos processos projetivos. A primeira, todavia, tende a se limitar à projeção dos objetos apreendidos pela sensorialidade imediata apresentada ao sujeito. Nas teorias psicanalíticas supracitadas, o processo de projeção é mais extenso, sendo envolvido por demais representações concebidas em relação ao objeto, bem como expectativas subjetivas em relação ao mesmo.*

7. No artigo *Consciência animal: aspectos neurológicos, morfológicos e evolucionários*, JESSYCA EIRAS JATOBÁ apresenta, de forma convincente, argumentos neurológicos, morfológicos e evolutivos, os quais denotam um conhecimento interdisciplinar fundamental, ainda que esteja em desenvolvimento. As implicações, contudo, podem ser importantes, notadamente em relação à Ética com animais. A importância de estudos interdisciplinares nessa área fica patente, pois a filosofia, especialmente, sempre demonstrou indiferença pelo tema, considerando-o

distante de seu projeto central, isto é, dos aspectos ontológicos da consciência. Para ilustrar o teor do trabalho da autora, destacamos aqui um pequeno trecho de sua reflexão: *A argumentação em prol da consciência animal sob o viés evolucionário, levando em conta aspectos neurobiológicos parte do pressuposto de que há uma grande relevância na historicidade do desenvolvimento de um organismo. E que, sob o ponto de vista evolucionário, explicações em termos de continuidade e similaridade são mais plausíveis do que explicações em termos de saltos abruptos, cortes e espontaneidades*

8. Uma reflexão diferente na edição refere-se à formulação de JOSE LUÍS DE CARVALHO AZPIAZU – *Aprendizado de Máquinas e Consciência Artificial* -, onde o autor, repassando diversos padrões de algoritmos, como máquinas de Turing, autômatos finitos, modelos de gramática formal, discute a construção de um modelo de consciência artificial, decorrente de procedimentos de aprendizagem de máquinas. O texto apresenta uma revisão bibliográfica, centrada na avaliação de padrões algoritmos distintos e desenvolve sua tese na seção Modelo Conceitual da Consciência, onde o leitor poderá sentir mais familiarizado pelo uso de categorias compatíveis com as atividades humanas – valor, significado, imaginação, atitude, liberdade, além de tantas outras que já migraram para padrões artificiais de linguagem. Cada um desses termos é devidamente demonstrado nos padrões formais de que o autor se vale com vistas a validar a sua tese. O autor apresenta duas seções finais de resultados e considerações conclusivas, das quais extraímos o seguinte excerto ‘*A consciência artificial poderia existir e se trataria de um algoritmo que recebe valores de uma maneira coordenada com o tempo. Assim a principal propriedade da consciência reconhecível da consciência é o aprendizado, entendido como sua propriedade de variar com o tempo, e poderia existir dentro de uma máquina*’.
9. O artigo de LEONARDO FRANCISCO COSTA DE ANDRADE – *Cognição, emoção e consciência: segundo a abordagem de Paul Thagard* – apresenta uma avaliação sobre diversos aspectos do debate entre filosofia da mente e cognição. O texto está centrado na abordagem desenvolvida por Paul Thagard, denominada CRUM - Compreensão Representacional-Computacional da Mente – e descrita ao longo de sua abordagem em termos de sua arquitetura teórica. O texto apresenta, de início, uma ampla discussão sobre modelos cognitivos, destacando a posição de diversos autores sobre a relação entre eventos cerebrais e estados mentais. Essa abordagem

introdutória não aprofunda detalhes sobre processos cerebrais e mentais, mas apresenta uma visão contraposta de posicionamentos teóricos sobre esse conjunto dessas abordagens – fisicalismo, dualismo, eliminativismo, funcionalismo, conexionismo. Na sequência, o autor desenvolve uma descrição detalhada do projeto de Thagard que se compõe de etapas diversas traduzidas por operações que foram traduzidas em termos de lógica, regras, conceitos, analogias, imagens, conexões. Nas seções finais do texto, o autor levanta críticas desenvolvidas ao modelo da CRUM, como aponta também alternativas para o seu ajuste. Nessa expansão que Thagard agrega ao modelo com destaque para - *as evidências sobre a relevância das moléculas na regulação das emoções* - reside um ponto importante da relação entre emoção e consciência. Destacamos aqui um parágrafo que pode sintetizar a reflexão Andrade faz do modelo em análise: ‘*Ao longo desta seção verificamos como a CRUM pode ser suplementada com compreensões advindas da neurobiologia sobre as emoções e a consciência. Assim como, a expansão de seus referenciais teóricos abarcando tais considerações, e permitindo a consolidação da CRUM como um abordagem mais robusta, flexível e integrada.*’

10. As abordagens sobre a consciência nessa edição têm um amplo leque de concepções; todas elas, é certo, são pensadas a partir da natureza humana, mas pensar a natureza humana não é coisa simples. AUGUSTO SIMÕES CUNHA, no artigo *Visão e Consciência na Filosofia da Mente e na Filosofia Brasileira*, contrasta diversas formas que a atividade da visão que mantiveram, de algum modo, sua correlação com a consciência. A discussão centraliza-se numa aproximação inicial entre visão e filosofia da mente e se estende para diversas formas de filosofia (indiana, grega, judaico-cristã). O leitor poderá ver nessa explanação a importância que a visão assumiu em diversos momentos da história da humanidade como um instrumento para a cognição humana. De modo mais intenso, o texto explana sobre aspectos do cartesianismo, ressaltando aspectos da importância que Descartes conferiu ao olho, numa perspectiva conhecida como geometria do olho. Há duas seções complementares no texto que trata de um panorama geral da Filosofia no Brasil e concluindo com uma seção – *A visão e a consciência da ayahuasca: as mirações* - que aborda pesquisa com eficácia para tratamentos depressivos. O texto apresenta um panorama muito amplo sobre a questão da consciência que só uma leitura mais atenta poderá permitir ao leitor uma compreensão mais dos pormenores da reflexão do autor. Para fechar esse comentário, destacamos um parágrafo da seção acima citada: ‘*Ao se tomar ayahuasca, o buscador é chamado a um exame de consciência, revelando visões notáveis,*

insights, produzir catarses e consequentes experiências de renovação e de renascimento; visões arquetípicas, de animais, plantas e flores, mandalas, cidades, de espíritos elementais, de lembranças de vidas passadas ou de divindades.'

Referências

- BAARS, B. *A Cognitive Theory of Consciousness*. New York: Cambridge University Press, 1988.
- BLUMENTAL, A.L. A Wundt primer: The operating characteristics of consciousness. In R.W. Rieber and D.K. Robinson (eds), *Wilhelm Wundt in History: The making of a scientific psychology* p.121-144. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers. 2001.
- COSTALL, A. From Darwin to Watson (and Cognitivism) and back again: the principle of animal-environment mutuality. *Behavior and Philosophy*. . 2004. Disponível em: <http://www.findarticles.com/p/articles>.
- COSTALL, A. Introspectionism and the mythical origins of modern scientific psychology. *Consciousness and Cognition* v.15, p. 634-654, 2006.
- CHALMERS, D. J. Facing up the problem of consciousness. *Journal of Consciousness Studies* v.2, n.3, p. 200-219, 1995.
- CHALMERS, D. J. Consciousness and its place in nature. In CHALMERS, D. J. (Ed.) *Philosophy of mind*. Classical and contemporary readings. Oxford: Oxford University Press, p. 247-272, 2002.
- EDELMAN, G. M. . *The Remembered Present: A Biological Theory of Consciousness*. New York: Basic Books, 1989.
- EDELMAN, G. M. *Bright air, Brilliant fire*. On the matter of mind. New York: Basic Books, 1992.
- EDELMAN, G. M., TONONI, G. *A Universe of Consciousness*. How matter becomes imagination. New York: Basic Books, 2000.
- EDELMAN, G. *Wider than sky*. The phenomenal gift of consciousness. Yale, Yale University Press, 2004.
- NAGEL, Thomas. What is it like to be a bat? In CHALMERS, D. J. (Ed.) *Philosophy of mind*. Classical and contemporary readings. Oxford: Oxford University Press, p. 219-226, 2002.
- PEREIRA Jr., A. Triple-Aspect Monism: A conceptual framework for the science of human consciousness. In : PEREIRA Jr., and LEHMANN, D. (eds.) *The Unity of Mind, Brain and World: current perspectives on a science of consciousness*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. p. 299-337, 2013.
- PLUM, F.; POSNER, J.B. *The Diagnosis of Stupor and Coma*. Philadelphia: F.A. Davis and Co., 1980.
- RAMACHANDRAN, V. S. and HIRSTEIN, William. Three Laws of Qualia. What *Neurology Tells Us about the Biological Functions of Consciousness, Qualia and the Self*. *Journal of Consciousness Studies*, v.4, n.5-6, p. 429-58, 1997.
- SEARLE, J. R. *A redescoberta da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SEARLE, J.R. How to study consciousness scientifically. *Philosophical Transaction of the Royal Society B: Biological Sciences*, v.353, n.1377, p. 1935-1942, 1998.

SEARLE, J.R. Consciousness. *Annual Review of Neuroscience*, v.23, p. 557-578, 2000.

VELMANS, M. *The Science of Consciousness: Psychological, Neuropsychological and Clinical Reviews*, London: Routledge, 1996a.

VELMANS, M. How Conscious Experiences Affect Brains? *Journal of Consciousness Studies*, p. 1-29., 2002.

CHALLENGES AND CONTROVERSIES ABOUT CONSCIOUSNESS

Abstract

Approaching consciousness is not a simple task, because we would be facing ourselves, looking at our image reflected in a mirror, trying to unravel secrets of our existence, without this mirror being able to reveal an essential part of who we are and that remains in the shadows. The two highlights above show how disconcerting the issue of conscience is: for Sutherland, we are faced with its inexhaustible content, despite everything that has already been reflected on it and that we certainly need to continue reflecting. For Edelman, it is like a kind of application, in current language, that we turn off when we are in deep sleep and that we activate so that we can use it at every moment of our daily journey. In the articles that make up this issue, we see the challenge of overcoming the 'little is known' while facing the '(un)comfortable position'. The two movements lead us to the search for that mirror that, in this continuous and unrestrained reflection, can be translated into a Scientific Theory of Consciousness (PEREIRA Jr., in this volume). We need this mirror to see ourselves; we want to look into a mirror that sheds some light on the shadows that hang over our existence and consciousness is still this rather dark territory that requires light.